

Afroperspectivas: reflexões sobre a sustentabilidade musical a partir do pensamento negro

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Etnomusicologia

Thiago Costa de Souza
Universidade Federal da Paraíba
costathiago09@gmail.com

Resumo. Este estudo busca apresentar as cosmovisões provenientes do afroperspectivismo em busca da compreensão da manutenção das práticas musicais de origem afro-brasileira. Portanto, o objetivo deste trabalho é expor como a sustentabilidade musical se manifesta ou é construída com base nos princípios, epistemologias e cosmovisões negras, sintetizadas por etnomusicólogos e intelectuais negros. Este trabalho tem por base uma pesquisa bibliográfica que busca, a partir de uma abordagem qualitativa, formar um referencial teórico para orientar e embasar de forma consistente os argumentos dessa pesquisa. Observou-se que, ao estudar as epistemologias e cosmovisões advindas do pensamento e das manifestações populares negras, assim como termos provenientes dessas formas de pensar como: encruzilhadas e ancestralidades, há uma preocupação não apenas em preservar o passado, mas dar sentido de continuidade através da vivência no presente, tendo em vista a gerações futuras de forma equitativa. Nesse contexto a música assume uma característica orgânica multifuncional que ajuda na sustentabilidade dessas culturas. Portanto, foi possível perceber que a sustentabilidade da música na cosmovisão negra é também a sustentabilidade do ser humano no seu aspecto sociocultural, fisiológico e mental. Concluiu-se, portanto, que as cosmovisões e musicalidades produzidas pelas comunidades negras podem servir como um olhar mais amplo e humanizador sobre os aspectos da sustentabilidade musical. Nesse sentido, o estudo da manutenção das práticas musicais a partir de uma ótica do afroperspectivismo tem muito a nos ensinar diante das crises sociais, econômicas e ambientais do mundo contemporâneo.

Palavras-chave. Afroperspectivismo, Sustentabilidade musical, Pensamento negro.

Abstract. This study seeks to present the worldviews arising from the afroperspectivism in search of understanding the maintenance of musical practices of Afro-Brazilian origin. Therefore, the objective of this work is to expose how sustainability music manifests itself or is constructed based on the principles, epistemologies and black worldviews, synthesized by ethnomusicologists and black intellectuals. This job is based on a bibliographical research that seeks, from an approach qualitative, form a theoretical framework to consistently guide and support the arguments of this research. It was observed that, when studying the epistemologies and worldviews arising from black popular thought and manifestations, as well as terms coming from these ways of thinking such as: crossroads and ancestry, there is a concern not only with preserving the past, but with giving a sense of continuity through of experience in the present, with a view to future generations in an equitable way. In that context, music takes on a multifunctional organic characteristic that helps in sustainability of these cultures. Therefore, it was possible to see that the sustainability of music in the black worldview is also the

sustainability of the human being in its sociocultural, physiological and mental. It was concluded, therefore, that worldviews and musicalities produced by black communities can serve as a deeper look broad and humanizing on aspects of musical sustainability. In this sense, the study of the maintenance of musical practices from the perspective of afroperspectivism has a lot to teach us in the face of the social, economic and environmental crises in the world contemporary. Key words. Afroperspectivism, Musical sustainability, Black thought.

Keywords. Afroperspectivism, Musical sustainability, Black thought.

Esta pesquisa busca expor as cosmovisões provenientes do afroperspectivismo em busca da compreensão da sustentabilidade das práticas musicais de origem afro-brasileira.

Ao estudar uma disciplina chamada “Tópicos em etnomusicologia: música e relações étnico-raciais”, ministrada por Eurides dos Santos e Pedro Acosta da Rosa em 2021, durante o mestrado em etnomusicologia, pude ter uma aproximação com as visões provenientes da intelectualidade negra e perceber o quanto elas têm a nos ensinar sobre a sustentabilidade das práticas musicais e da cultura em nosso país. Diante disso, não posso me afastar do legado intelectual das comunidades negras que compõem e que sustentam grande parte das tradições musicais brasileiras. Uma etnomusicologia oriunda da perspectiva negra é promissora, principalmente sobre sua própria forma de pensar a manutenção das manifestações musicais. Além disso, apontar parte dessas visões nesse trabalho é também uma questão ética em busca de equidade de pensamento frente à histórica marginalização desses grupos sociais e suas próprias epistemologias.

O “Manifesto das Pessoas Negras Contra o Racismo nos Cursos De Música”, publicado em março de 2021 pelo Coletivo Mwanamuziki, composto por pesquisadores negros do campo da música, coloca no centro da roda o debate e o combate contra o racismo nos cursos de música no país.

Esse manifesto mostra o quanto os cursos de música refletem e dão continuidade a uma monocultura de saberes (GOMES, 2009) que propagam uma hegemonia racista e eurocêntrica, ao se eximir de tratar esses assuntos e de modificar seus paradigmas. Nesse sentido, a Universidade Pública assume um papel de resistência quase dogmática, pedante e incipiente em prol de um racismo estrutural que se institucionalizou historicamente.

Diante disso, Eurides Santos apoiada no livro ‘Racismo Estrutural’ de Silvio Almeida descreve racismo estrutural “como a formalização e naturalização de práticas sociais que conferem privilégios a um grupo social e prejuízos a outros” (SANTOS, E., 2020, p. 2).

Isso nos mostra o quanto ainda hoje a Universidade Pública se assenta em pilares históricos da mesma ciência unilateral que ajudou a disseminar e estruturar o racismo no mundo.

Portanto, é necessário o estudo das epistemologias e cosmovisões provenientes da cultura e da intelectualidade negra para uma mudança de paradigma (GOMES, 2009). Nesse sentido, o que pretendo expor neste trabalho é como a sustentabilidade musical se manifesta ou é construída com base nos princípios, epistemologias e cosmovisões negras, sintetizadas por etnomusicólogos e intelectuais negros¹.

Este estudo tem por base uma pesquisa bibliográfica que busca, a partir de uma abordagem qualitativa, formar um referencial teórico que emerge da produção de conhecimento negro. Para tanto, foi feita uma análise da literatura acadêmica negra voltada para a manutenção das práticas musicais, envolvendo trabalhos recentes, assim como produções literárias de lideranças negras como fonte de argumentação central no texto.

Para a melhor apresentação, compreensão e discussão do tema, este trabalho foi subdividido em três sessões, na qual a primeira busca apresentar de forma sucinta o conceito de sustentabilidade. A segunda busca apontar as cosmovisões do pensamento negro que dialogam com a manutenção das práticas musicais afro-brasileiras e, por fim, a conclusão com os resultados e as reflexões produzidas a partir desse estudo.

Sustentabilidade e música

O conceito de sustentabilidade é um desdobramento do termo desenvolvimento sustentável que, segundo Gro Harlem Brundtland, significa “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades” (BRUNDTLAND, 1991, p. 46). Esse termo ganhou repercussão internacional a partir do Relatório da ONU chamado Nosso Futuro Comum, publicado em 1987, que ficou conhecido como Relatório Brundtland.

A sustentabilidade é muitas vezes confundida com apenas proteção do meio ambiente. No entanto, esse termo é proveniente da economia, que foi expandido para as outras áreas como a ecologia e até mesmo a música. O termo não trata apenas da sustentabilidade ambiental, mas também da sustentabilidade econômica e social. Nesse sentido, Bryan G. Norton afirma que, “Um conjunto de comportamentos é, portanto, entendido como sustentável se e somente se a prática na geração M não reduzir a razão de oportunidades para restrições que serão encontradas pelos indivíduos nas gerações

¹ Este texto é um desdobramento da sessão nove do terceiro capítulo da dissertação “Bumba-Meu-Boi do Maranhão: uma reflexão etnomusicológica sobre sustentabilidade musical”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba, no ano de 2023.

subsequentes N, O, P” (NORTON, 2005, p. 98). Para Jeff Todd Titon, “Um sistema sustentável é aquele em que o objetivo é a permanência alcançada através da utilização de recursos renováveis” (TITON, 2013, p. 9).

Quanto à sustentabilidade da música, Jeff Todd Titon afirma que a mesma “não faz referência direta à energia verde ou à economia do desenvolvimento, embora possa envolvê-las. Em vez disso, refere-se à capacidade de uma cultura musical de manter e desenvolver sua música agora e no futuro próximo” (TITON, 2015, p. 158). No entanto, é importante ressaltar que as discussões sobre sustentabilidade e música devem envolver tanto a sustentabilidade da música como ela é praticada, quanto a sustentabilidade do planeta (Titon, 2019). Pois o fazer musical não está desconectado do ambiente ao seu redor, das mudanças socioculturais, ambientais, econômicas e políticas.

Porém, ao fazer uma breve análise da literatura sobre o tema da sustentabilidade e música, podemos perceber que essas discussões surgem e chegam até nós por meio de atores relacionados ao norte global. Por isso, é importante compreender as visões sobre sustentabilidade provenientes não somente de teóricos brasileiros, mas também do nosso próprio povo e de suas manifestações culturais, porque são esses fazedores da cultura que, ao longo da história, absorveram, mantiveram e repassaram seus saberes e suas músicas apesar das adversidades e da marginalização sociocultural e econômica a que foram muitas vezes expostos. Portanto, pressuponho que, o pensamento negro e as manifestações musicais de origem negra podem apontar caminhos possíveis para ressignificação ou complementação do que é compreendido como sustentabilidade musical.

Pensamento negro

Segundo Renato Nogueira, a filosofia afroperspectivista é uma expressão conceitual que busca “a reunião de produções filosóficas africanas, afrodiaspóricas e comprometidas com o combate ao racismo epistêmico” (NOGUEIRA, 2011, p. 44). De forma resumida, o autor aponta que a “afroperspectiva é uma forma de abordar o conhecimento, uma maneira de se construir o conhecimento, uma possibilidade de se pensar a partir de um território epistêmico que não seja ocidental, mas dialogando com esses territórios” (NOGUEIRA, 2017).

A partir de uma revisão bibliográfica com base nos estudos sobre música e cultura que parte de autores negros (MARTINS, 2003; NASCIMENTO, 2020; MUKUNA, 2018; NKETIA, 1962; NZEWI, 2020; NOGUEIRA, 2011; ROSA, 2020; SANTOS, E., 2020; SANTOS, M., 2020; SILAMBO, 2020; SILVA, 2020) o primeiro ponto a se destacar é uma forte intelectualidade orgânica (GOMES, 2009). Nesses estudos é possível perceber que todos

buscam manter uma ligação com suas culturas, seus locais e a classes sociais de origem, atuando a favor de mudanças nos padrões sociais que subjugaram essas culturas ao longo da história. Essa atuação na busca de mudanças pode vir em várias frentes, agregando outros grupos minoritários numa rede colaborativa, proporcionando espaços de fala às pessoas e não falando sobre elas ou por elas.

Me parece necessário, para que se alcance equidade nas disputas discursivas ou que se reverbere os sons produzidos em decorrência de e para além dessa estrutura, buscar o confronto e negociar tensões nos espaços de poder, onde, no caso do campo etnomusicológico, cabe proporcionar a amplificação das vozes dxs pouco escutadx a partir de seus próprios enunciados (SANTOS, M., 2020, p. 32).

Outro fator importante da intelectualidade negra é que o pensamento científico acadêmico e o pensamento proveniente das culturas populares não se anulam, mas se encontram e se unem no mesmo pensamento e no mesmo corpo, como descrito no depoimento a seguir.

Pelo contrário, sendo eu fruto dos encontros, busco aqui aliar o que de mais potente pude apreender destes universos; os quais possuem, cada um, o seu lugar de singularidade, acreditando que é do movimento que se originam as coisas, e através deste mesmo movimento tais coisas se transformam (SANTOS, M., 2020, p. 16).

A música como função é um dos elementos importantes trazidos pela etnomusicologia negra e pelas manifestações musicais afrodiáspóricas. Nesse sentido, ela assume um papel protagonista, não no sentido de ser apenas o centro de importância, mas um centro de conexões, um ponto de interseção, ou melhor, uma “encruzilhada” (MARTINS, 2003, p. 69). Integram-se assim variadas funções que vão muito além de uma visão aristotélica eurocêntrica de ‘Arte pela arte’, a qual coloca a música em um local de neutralidade propositalmente pensada para ofuscar seus reais fins dentro de uma perspectiva civilizatória. Pois a concepção de ‘Arte pela arte’ do eurocentrismo, fora de seu território, assume uma função truculenta por meio de comparações e desconsiderações que são utilizadas quando lhe convém em prol da dominação do outro. Nessa perspectiva, Micas Silambo, afirma que:

Por um lado, o sistema musical tonal europeu foi/é usado como um processo de colonização e aniquilamento da cultura africana, e por outra, os etnógrafos civilizados, majoritariamente estrangeiros, foram, em linhas gerais, os estudiosos, saqueadores e analistas das práticas africanas a partir do seu contexto civilizatório desconsiderando a reflexão e contribuição

contextual dos seus verdadeiros produtores africanos (SILAMBO, 2020, p. 45).

Essas variadas funções que a música pode empenhar, dentro da cultura africana e afrodiáspórica, atuam como um poderoso elemento no combate ao racismo, egredacionismo e etnocídio. Segundo Meki Nzewi, “fundamentalmente, na África indígena, a ênfase no intelecto e na produção musical foca na funcionalidade” (NZEWI, 2020, p. 119). Dessa forma, a música ajuda na manutenção da integridade dos indivíduos, das comunidades e do meio em que vivem, desempenhando variadas funções.

Um exemplo é a função de ponte entre o legado ancestral e a comunidade. Nesse sentido, Kazadi Wa Mukuna afirma que “em uma cerimônia ritual, a música constrói a ponte de comunicação entre o mundo dos vivos e o dos ancestrais”² (MUKUNA, 2018, p. 18). Esse legado ancestral não se limita ao ponto de vista africano, mas também é refletido nas comunidades afrodiáspóricas. Com base nisso, Mukuna aponta um aspecto psicológico que é a “retenção ou persistência” desses princípios e cosmovisões na memória do portador, que se reestruturam na nova sociedade do outro lado do atlântico e que emergem da memória acionados pela música (MUKUNA apud BAKOS, 2000). Podemos ver esse sentido no relato de Pedro Fernando Acosta da Rosa, quando descreve que:

É como se estabelecesse pela via da música a possibilidade de encontro e conversa com ancestrais, nos quais a morte jamais pode impedir a criatividade negra; e o musicar é uma forma de estabelecer essa conversa entre letra e melodia, entre Vladimir, Oliveira Silveira e os(as) Sopapeiros(as) (ROSA, 2020, p. 180).

Ainda nesse sentido, em relação à música da diáspora, Santo, E. (2020, p.5) afirma que “essas manifestações culturais não constituem essencialidades, mas reelaborações de formas expressivas da afro-diáspora”.

A música também pode assumir a função de encorajamento e de união para combater as adversidades. Como exemplo, o Xigubu é descrito por Micas Silambo como um tambor e ao mesmo tempo uma dança tradicional guerreira da África que é “praticada antes das batalhas como forma de preparar os militares e incutir neles um sentimento de autoestima, bravura e coragem, de celebrar as vitórias” (SILAMBO, 2020, p. 52). Essa estratégia de utilização da música numa intenção guerreira de manutenção e de celebração também pode ser encontrada aqui no Brasil no Maculelê, até mesmo no Xaxado, empregado no Cangaço.

² In a ritual ceremony, music builds the bridge of communication between the world of the living and that of ancestors.

Por outro lado, também temos a função diplomática apontada por Meki Nzewi quando afirma que “as artes musicais foram a principal força atitudinizadora [attitudinizing force] na gestão, efetivação e reparação das relações diplomáticas na África indígena” (NZEWI, 2020, p. 129).

Há também a função de envio de mensagens, como os Cocos de Recado cantados pela Mestra Dona Lenita para a sua filha Mestra Ana do Coco, avisando que alguém estava querendo brigar ou atrapalhar as festas no quilombo do Ipiranga, como na seguinte letra do Coco: “bota barro na parede/ quero ver cair o pó/ aqui de dentro dessa sala/ quanto mais sério melhor” (NASCIMENTO, 2020, p. 214). Nesse caso, trata-se de um aviso de alerta entre pares para manutenção da ordem durante o evento musical.

Outro fator importante na manutenção dos indivíduos e da comunidade é a utilização da música como uma forma de bem-estar que se estabelece por meio da saúde física, mental e grupal, como apontado por Meki Nzewi, que descreve as Artes Musicais Africanas como uma ciência humana humanizadora, a qual:

É concebida e projetada, estruturalmente e em apresentação pública, para fornecer saúde mental sublime, primeiramente, e assim possibilitar que se ganhe saúde fisiológica básica, articulando interativamente relações cordiais (interpessoais, intracomunais e intercomunais), garantindo também ocupações de subsistência diárias sem estresse (NZEWI, 2020, p. 117-118).

Ainda no sentido de bem-estar, podemos descrever as funções terapêuticas e medicinais encontradas nos timbres do Mafahlawa que, de acordo com Micas Silambo, “também é usado no dia a dia dos médicos tradicionais e daqueles que se preparam para tal profissão” (SILAMBO, 2020, p. 54).

Segundo Meki Nzewi, “a filosofia educacional africana é que a maneira mais eficaz de se adquirir conhecimento duradouro no corpo e na mente é através da experiência prática” (NZEWI, 2020, p. 120). Nesse sentido, Kazadi Wa Mukuna afirma que a música “é um veículo perfeito através do quais vários aspectos culturais de um grupo étnico são preservados e o conhecimento cultural é transmitido oralmente de uma geração para outra”³ (MUKUNA, 2018, p. 17). Dessa forma, ela assume uma função didática e ao mesmo tempo como ferramenta descritiva e histórica. Nesse sentido, a música também é usada para registrar “informações êmicas sobre a paisagem geográfica percorrida por uma etnia em seu movimento migratório de um ponto a outro”⁴ (MUKUNA, 2018, p. 18). Além do aspecto

³ It is a perfect vehicle through which numerous cultural aspects of an ethnic group is preserved and cultural knowledge is transmitted orally from one generation to another.

⁴ emic information about geographic landscape travelled by an ethnic group in its migratory movement from one point to another.

educacional, a música atua na função política, no autorreconhecimento étnico e no empoderamento feminino negro, como aponta Erivan Silva e Eurides Santos, por meio dos estudos sobre o protagonismo de Mestras do Coco, que atuam na música e na comunidade dentro dos territórios quilombolas na região paraibana (SILVA e SANTOS, 2020).

Há também o reconhecimento dos espaços como lugar de cultura e de história, ajudando na consciência da conservação desses espaços e do meio ambiente em sua volta, como o ocorrido com o uso do Coco de Roda no quilombo do Ipiranga (NASCIMENTO, 2020). De acordo com Kazadi Wa Mukuna, essa consciência de conservação pode vir também quando a música “exalta marcos com canções sobre os rios, a flora e a fauna”⁵ (MUKUNA, 2018, p.17).

Um fator importante a se destacar é que, apesar do enfoque deste trabalho ser a música, nas manifestações africanas e afrodiaspóricas, ela não está dissociada de outros elementos igualmente importantes, como a dança. Nesse caso, Kazadi Wa Mukuna afirma que, “na África, a dança está para a música o que na cultura ocidental a nota está para a música”⁶ (MUKUNA, 2018, p.16). Quanto a isso, Micas Silambo, também indica que “aqui o ponto geral a enfatizar é que a maioria dos gêneros musicais africanos é composta de dança, música, instrumento, voz, corpo e intenção” (SILAMBO, 2020, p. 45). Podemos perceber esse padrão nas manifestações musicais afro-brasileiras, por isso, é importante uma compreensão contextual, holística e multidisciplinar na abordagem e análise da música africana e afrodiaspórica, como aponta o etnomusicólogo Nketia (1962).

Outra característica interessante é que nenhuma dessas funções precisa estar escrita em formato de textos impressos e armazenados em bibliotecas, como na cultura ocidental. Para que esses conhecimentos sejam repassados para as próximas gerações, eles precisam ser vivenciados na prática por meio do cotidiano. O que se conhece por oralidade, no contexto africano, não se limita apenas ao repasse do conhecimento unicamente por meio da voz, mas também se escreve no corpo, no movimento, no gesto por meio das relações de convivência em um constante acordo intergeracional. Nesse sentido, Leda Martins aponta que:

Minha hipótese é a de que o corpo em performance é, não apenas, expressão ou representação de uma ação, que nos remete simbolicamente a um sentido, mas principalmente local de inscrição de conhecimento, conhecimento este que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia; nos solfejos da vocalidade, assim como nos adereços que performativamente o recobrem (MARTINS, 2003, p. 66).

⁵ exalts landmarks with songs about rivers, flora and fauna.

⁶ In Africa, dance is to music what in Western culture the note is to music.

De acordo com Kazadi Wa Mukuna, “a música resume a essência da filosofia africana da existência expressa em uma frase simples, ‘Eu pertenço, portanto, eu sou’, ou como um zulu diria: ‘Eu sou porque você é e você é porque eu sou’”⁷ (MUKUNA, 2018, p. 16). Além de atuar na tomada de consciência de que pertence a algo maior e comunitário, a música também assume um papel de sustentação da integridade física e mental diante da opressão, vivida diariamente por esses povos, como afirma Micas Silambo, “A música está sempre lá, se adequando aos novos contextos em forma de refúgio das dores das chicotadas” (SILAMBO, 2020, p. 71). Sayeed Joseph argumenta que o Blues foi o elemento principal para a manutenção da saúde mental, ajudando na sobrevivência dos negros norte-americanos pós-escravidão e que, na atualidade, essas mesmas características estão sendo utilizadas por rappers como Kendrick Lamar (JOSEPH, 2017). De acordo com Ralph Ellison, “de acordo com a tradição do blues, o testemunho pessoal da tragédia heroica é usado para encontrar um sentimento de pertencimento ou, como observou o romancista negro Ralph Ellison, é ‘uma crônica autobiográfica da catástrofe pessoal expressa liricamente’”⁸ (ELLISON, 1992, p. 62 apud JOSEPH, 2017, p. 3).

Esses aspectos musicais se aglutinam a tantos outros, formando uma complexa cosmovisão negra que deságua em uma consciência coletiva cíclica que se sustenta no entrelaçamento entre passado, presente e futuro, projetando nos indivíduos uma consciência ampla de ser e estar no mundo, dentro de uma perspectiva de coletividade e continuidade que se expressa na filosofia Ubuntu. Nesse sentido, Ngugi wa Thiong'o aponta que, na cosmovisão africana:

Nós que estamos no presente somos todos, em potencial, mães e pais daqueles que virão depois. Reverenciar os ancestrais significa, realmente, reverenciar a vida, sua continuidade e mudança. Somos os filhos daqueles que aqui estiveram antes de nós, mas não somos seus gêmeos idênticos, assim como não engendramos seres idênticos a nós mesmos. (...) Desse modo, o passado torna-se nossa fonte de inspiração; o presente, uma arena de respiração; e o futuro, nossa aspiração coletiva (THIONG'O apud MARTINS, 2003, p.75).

Renato Noguera corrobora essa perspectiva ao afirmar que “a Filosofia afroperspectivista define a comunidade/sociedade nos termos da cosmopolítica bantu: comunidade é formada pelas pessoas que estão presentes (vivas), pelas que estão para nascer

⁷ In short, music summa-rizes the essence of the African philosophy of existence expressed in a simple phrase, “I belong, therefore, I am,” or as a Zulu would say, ‘I am because you are and you are because I am.’

⁸ According to the blues tradition, the personal testimony of heroic tragedy is used to find a sense of belonging or, as noted Black novelist Ralph Ellison explained, it is “an autobiographical chronicle of personal catastrophe expressed lyrically”

(gerações futuras/futuridade) e pelas que já morreram (ancestrais/ancestralidade)” (NOGUERA, 2015).

Conclusão

Desde os estudos etnomusicológicos de Niketia até o recente “Manifesto das pessoas negras contra o racismo nos cursos de música”, produzido e publicado pelo Coletivo Mwanamuziki, assim como as epistemologias e cosmovisões advindas do pensamento e das manifestações populares negras, em conjunto com termos que emanam dessa ecologia de saberes, como ancestralidade, artes musicais e encruzilhadas, entre outros, há uma preocupação não somente em preservar o passado, mas em manter ou conservar a vida, o pensamento e as manifestações provenientes dessas culturas, tendo em vista as gerações futuras de forma equitativa.

Por adquirir várias funções, a música africana e afrodiaspórica atuam como um elemento importante para a manutenção da integridade dos indivíduos e da comunidade. Esse caráter orgânico multifuncional ajuda na sustentabilidade cultural dessas comunidades. Por isso é tão persistente.

Analisando o conceito de sustentabilidade musical e colocando-o em perspectiva com as epistemologias e cosmovisões negras, podemos perceber que a sustentabilidade da música é também a sustentabilidade do ser humano no seu aspecto fisiológico, mental e sociocultural. Nesse sentido, não é a música apenas o principal a ser sustentado, mas também a integridade do ser humano. Isso não deve ser entendido como colocar a música em segundo plano, pois garantir a integridade e continuidade das manifestações musicais no futuro é também ajudar a garantir a sobrevivência dos seres humanos.

Podemos perceber que o afroperspectivismo tem muito a nos ensinar diante das crises sociais, econômicas e ambientais do mundo contemporâneo. As cosmovisões e musicalidades produzidas pelas comunidades negras podem servir como um olhar mais abrangente e humanizador sobre os aspectos da sustentabilidade musical. Nossa humanidade se dá apenas através de outros seres humanos, e isso se aprende na prática, por meio das relações entre indivíduos e comunidade.

Referências

Bakos, M. M. (2000). Contribuição Bantu na Música Popular Brasileira: perspectivas etnomuseológicas (Kazadi Wa Mukuna). *Estudos Ibero-Americanos*, 26(2), p. 175-177. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24779>. Acesso em: 21 nov. 2021.

BRUNDTLAND, Gro Harlem (Pr). Relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento: Nosso Futuro Comum (CMMAD, 1987). 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4245128/mod_resource/content/3/Nosso%20Futuro%20Comum.pdf. Acesso em: 21 nov. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção de conhecimento: Algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. Disponível

em: <https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

JOSEPH, Sayeed. “We Gon’ be Alright”: Mental Health and the Blues in Kendrick Lamar’s To Pimp a Butterfly. *Ethnomusicology Review*. Los Angeles. 2017. Disponível em:

<https://ethnomusicologyreview.ucla.edu/journal/volume/21/piece/990>. Acesso em: 09 set. 2022.

MARTINS, Leda Maria. *Performance da Oralitura: Corpo, lugar da memória*. Leda Martins. Língua e Literatura: Limites e Fronteiras, n. 28, jun, 2003. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em: 20 out. 2021.

MUKUNA, Kazadi Wa. Oral tradition and the teaching of african culture: New challenges and perspectives. *Revista África[s]*, V.5,N.9, p. 12-23, 2018.

MWANAMUZIKI, Coletivo. *Manifesto das Pessoas Negras Contra o Racismo nos Cursos De Música*, A Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET), 2021. Disponível em:

<https://www.abet.mus.br/2021/03/04/manifesto-das-pessoas-negras-contr-o-racismo-nos-cursos-de-musica/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

NASCIMENTO, Ana Lúcia Rodrigues do. “Negro racha os pés de tanto sapatear”: Coco, uma história de vida.: Vídeo aula da Mestre Ana do Coco. Transcrição comentada por Zé Silva.

Revista Claves. Dossiê Matizes Africanos na Música Brasileira., 2020, vol.9. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/clave>. Acesso em 20 de ago. de 2021.

NKETIA, J. H. Kwabena. The Problem of Meaning in African Music. *Ethnomusicology*, Vol. 6, No. 1, p. 1-7, 1962. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/924242>. Acesso em: 02 out. 2021.

NOGUERA, Renato. Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza. Portal Geledés. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/>. Acesso em: 20 out. 2022.

NOGUERA, Renato. O ensino de filosofia e a lei 10.639/03. Rio de Janeiro: CEAP, 2011.

NOGUERA, Renato. O que é Afroperspectiva?. 6 de maio de 2017. Facebook: Grupo de Estudo de Filosofias Africanas e Afrodiáspóricas – GEFAA. Disponível em:

<https://www.facebook.com/gefaaunicamp/posts/1620080918003949/>. Acesso em: em: 20 out. 2022.

NORTON, Bryan G.. *Sustainability: A Philosophy of Adaptive Ecosystem Management*. Chicago: The University of Chicago Press. 2005.

NZEWI, Meki. Por uma musicologia “verdadeiramente” africana-brasileira: entrevista com Meki Nzewi. Entrevista concedida e traduzida por Kamai Freire e Nina Graeff . *Revista Claves*. Dossiê Matizes Africanos na Música Brasileira. 2020, vol.9. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves>. Acesso em 16 de agosto de 2021.

ROSA, Pedro Fernando Acosta da. O legado de Oliveira Silveira: sarau negro Sopapo Poético. *Revista Claves*. Dossiê Matizes Africanos na Música Brasileira. 2020, vol.9, n. 14, p. 169-182. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves>. Acesso em: 15 set. 2021.

SANTOS, Eurides de Souza. *Música e história: questões étnico-raciais da afro-diáspora na Paraíba*. Etnomusicologia Contemporânea no Brasil: reflexões sonoras contra o paradigma colonial. Anais da 72ª Reunião Anual da SBPC. 2020. Disponível em: <http://reunioes.sbpcnet.org.br/72RA/textos/MR-EuridesSantos.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SANTOS, Marcos dos Santos. *Perspectivas etnomusicológicas sobre Batuque: racialização sonora e ressignificações em diáspora*. 2020. 272 f. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/33272>. Acesso em: 15 set. 2021.

SILAMBO, Micas Orlando. Xigubu: um “microscópio” para entender músicas e lutas de matizes africanos. *Revista Claves*. Dossiê Matizes Africanos na Música Brasileira. 2020, vol.9, n. 14, p. 43-78. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves>. Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA, Erivan; SANTOS, Eurides. O protagonismo musical feminino negro no universo do coco de roda paraibano. In: *XXX Congresso da ANPPOM*, v.30, 2020, Campina Grande. Disponível em: <http://anppom-congressos.org.br/index.php/30anppom/30CongrAnppom/paper/viewFile/257/156>. Acesso em: 21 nov. 2021.

TITON, Jeff Todd. Music's Carbon Footprint. *Sustainable Music*. Providence, 3 jul 2019. Disponível em: <https://sustainablemusic.blogspot.com/2019/07/musics-carbon-footprint.html>. Acesso em: 20 ago. 2022,

TITON, Jeff Todd. The Nature of Ecomusicology. *Música e Cultura: Revista da Associação Brasileira de Etnomusicologia*, v. 8, n. 1, p. 8–18, 2013. Disponível em: <http://www.abet.mus.br/musicaecultura/>. Acesso em: 1 jul. 2020.

TITON, Jeff Todd. Sustainability, Resilience, and Adaptive Management for Applied Ethnomusicology. In: PETTAN, Svanibor; TITON, Jeff Todd(Ed). *The Oxford handbook of applied ethnomusicology*. New York: Oxford University Press, 2015. Cap5.